

Ano XXXIX - N.º 03

Revista Mensal

2,50 €

Março 2023

# MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO



Há pressa no ar



# MENSAGEIRO

de SANTO ANTÓNIO

Março 2023 | N.º 03 | Ano XXXIX



## CAPA

### Há pressa no ar

Divulgação JMJ  
Lisboa 2023.

## EDITORIAL

O caminho da felicidade  
Frei Severino Centomo

## HOMEM E SOCIEDADE

### 4 Santos, jovens e santidade

Marcel Callo  
Fabrizio Bordin

### 6 Mundivivências

O pensamento revolucionário  
do Metropolitana de Pérgamo  
Miguel Panão

### 8 Além do sofá

IA, oportunidades e perigos  
Inês Santos, Gonçalo Oliveira

### 10 Cotidianos e Orquídeas

Ensinar a Olhar,  
aprender a Voar  
Joana Cavalcanti

### 12 Artes e Letras

#### Livros

A Tarde do Cristianismo  
Rui Vasconcelos

#### Cinema

Aftersun  
Manuel Monteiro Mendes

## ESPECIAL

### 15 Há pressa no ar

A pressa  
de partilhar um tesouro  
Pe. João Paulo Vaz

## IGREJA A CAMINHO

### 24 Ponto e contraponto

0,007 - Francisco no Congo  
e no Sudão do Sul  
Idalino Simões

### 26 Traços de uma Presença

E agora?  
Juan Ambrosio

## PÁGINAS ANTONIANAS

### 28 Coragem, levanta-te!

Vence o medo  
A caminho da JMJ 2023  
Frei Maximiliano Patassini  
Elisabetta Benfatto

### 30 Tenho medo de te amar

Simone Olianti  
Elisabetta Benfatto

### 33 Memória e Tradição

Responso de Santo António  
Pedro Teotónio Pereira

### 34 António, hoje

A insustentável leveza do amor  
Frei Antonio Ramina

## CONTRACAPA

### Reconstruir a Tua Igreja



Cardeal José Tolentino  
Sonho do Papa Inocência III: São Francisco  
evitando a ruína da  
Igreja. Giotto di Bondone,  
1295

## DIRETOR

Frei José Augusto Marques  
(Carteira Profissional TE-101)

## Diretor-adjunto

Secundino Correia  
(Carteira Profissional TE-1302)

## Administrador

Frei Fabrizio Bordin

## Redação

Frei Severino Centomo

## Proprietário e Editor

ACMSA - Associação Cultural  
Mensageiro de Santo António,  
entidade sem fins lucrativos  
(Pessoa Coletiva n.º 505 333 937)

## Administração, Redação e Edição

Estrada de Assafarge, n.º 6  
3040-718 Castelo Viegas

## Atendimento:

segunda a quinta  
das 10:00 às 12:30  
e das 15:00 às 17:00

Telef: 239 097 984 | 914 272 744

## Correio eletrónico

assinantes@santoantonio.live

## Preço da assinatura anual

Digital:	22 €
Devoto / Portugal:	22 €
Amigo:	50 €
Benfeitor:	100 €
Europa:	40 €
Fora da Europa:	75 €

Preço avulso: 2,50 €

Números atrasados: 3,50 €

## Referência Multibanco

Ver no talão da revista

## NIB da ACMSA

001000004251041000159

## IBAN da ACMSA

PT50001000004251041000159  
SWIFT/BIC: BBPIPTPL

## Impressão

SERSILITO, Empresa Gráfica, Lda  
Travessa Sá e Melo, 209  
4470-116 MAIA

Número de Registo: 113.612

Depósito Legal n.º 26.837/89

## Estatuto Editorial

<https://santoantonio.live/about/>

## Edição digital

<https://santoantonio.live>

## Tiragem do número anterior

2000 exemplares



Associado

O Mensageiro de Santo António segue as normas do Acordo Ortográfico, desde janeiro de 2012

AGÊNCIAS ECCLESIA E LUSA (PORTUGAL)

# O caminho da felicidade

EDITORIAL

**E**nquanto assistimos ao descalabro da qualidade de vida: guerras, fomes, pandemias, terremotos, genocídios e terror por todo o lado, há sinais que nos impedem de cair no desânimo e reforçam a luz da esperança. Um deles é certamente a voz e o exemplo do Papa Francisco que, no dia 13 de março, perfaz dez anos de pontificado.

Do alto dos seus 86 anos e constrangido numa cadeira de rodas, ergue a sua voz em defesa da justiça e da paz e alerta o mundo para o perigo da sua autodestruição.

Ele, porém, não se detém nas palavras e nas boas intenções, mas aponta para as feridas, vai visitar os “lugares difíceis” e partilha o sofrimento dos mais pobres, carregando as suas lágrimas. Assim como não teve medo de visitar os países africanos onde os problemas são angustiantes, assim também manifestou disponibilidade para ir a Kiev e a Moscovo para reconciliar povos irmãos.

Assim afirma o Papa Francisco:

*“Deus não se revela com os meios do poder e da riqueza do mundo, mas com os da fragilidade e da pobreza: “De rico que era, tornou-se pobre por nós...”. É o grande mistério da Encarnação de Deus! Mas a razão de tudo isto é o amor divino, um amor que é graça, generosidade, desejo de proximidade, que não se recusa a doar-se e sacrificar-se pelas criaturas amadas. O amor torna-nos semelhantes, cria igualdade, derruba os muros e as distâncias. Deus fez isto por e para nós.*

Nestes dez anos de pontificado, Francisco interpelou-nos a todos com palavras como: alegria, misericórdia, compaixão, felicidade, cuidado, casa comum, sinodalidade, paz, justiça,

perdão, descarte, solidariedade, fraternidade... Palavras e gestos que brotam de um coração cheio de amor que não descansa até que todos os homens se reconheçam *Fratelli Tutti!*

Para mudar o mundo é necessário que cada um comece por si próprio e tenha a coragem de “sujar as mãos” tornando-se próximo dos últimos, marginalizados pelos poderosos deste mundo. Foi o caminho que o próprio Deus escolheu para o seu Filho Jesus, quando encarnou no meio de nós! É o caminho que o discípulo tem que percorrer por meio da conversão e da comunhão **M**

Frei Severino  
Centomo



*Francisco, 13 de março, 10 anos de pontificado.*

Do alto dos seus 86 anos, ergue-se em defesa da justiça e da paz, alertando o mundo para o perigo da autodestruição

*Francisco em oração diante do ícone da Virgem Salus Populi Romani, antes da viagem à RD do Congo e Sudão do Sul, 30 JAN 2023. Foto EPA/VATICAN MEDIA.*

Frei Fabrizio  
Bordin



# Marcel Callo

No dia 4 de Outubro de 1987 o Papa João Paulo II proclamava “beato” Marcel Callo, um jovem de 23 anos, reconhecendo-lhe o martírio sofrido a 19 de Março de 1945, no campo de concentração de Mathausen (Áustria).

*Para todos nós, leigos, religiosos, sacerdotes e bispos, [Marcel] relança o desafio universal à santidade: uma santidade e uma juventude espiritual de que o nosso mundo ocidental muito precisa para continuar a anunciar o Evangelho.*

*João Paulo II, homília*

A vida de um jovem de apenas 23 anos, que acaba num campo de extermínio, ilumina o nosso tempo, com o sorriso sereno do seu rosto, o sorriso de quem encontrou Jesus Cristo na família, nas associações juvenis, no trabalho, no namoro e no inferno da guerra.



Marcel nasce, a 6 de dezembro de 1921, em Rennes (França), de uma família modesta e muito religiosa. Tem um temperamento autoritário com os irmãos e as irmãs – é o segundo de nove filhos –, mas revela-se sempre carinhoso e disponível para ajudar.

Inteligente, alegre, apaixonado pelo desporto e dócil na vida espiritual, aos 12 anos ingressa no mundo escutista, tornando-se um líder carismático: chefe de patrulha, nos acampamentos de verão no meio da natureza dos Alpes franceses, participa e acolita na missa diária com um entusiasmo contagiante.

Ao entrar no mundo do trabalho, Marcel tem que deixar o escutismo, mas adere à JOC (Juventude Operária Católica), recém-fundada na cidade de Rennes. Marcel de apóstolo do tempo livre (no escutismo), passa a apóstolo do mundo do trabalho na JOC. Com 19 anos, em 1940, pronuncia vários discursos para os associados e amigos jocistas, desafiando-os para que “no ambiente do traba-

lho saibam difundir o espírito de fraternidade, vivendo e realizando a doutrina daquele que eles consideravam o irmão Cristo operário”.

De outubro de 1934 até março de 1943, Marcel trabalha na Tipografia Provincial do Ouest, passando por momentos difíceis em que era gozado pelas suas convicções e práticas religiosas. Contudo ganha, cada vez mais, a estima dos operários pela sua luta em defesa dos jovens aprendizes e do respeito da dignidade das mulheres no mundo do trabalho.

Um dia a mãe, vendo o seu fervor e paixão na vida religiosa e social, pergunta-lhe se não queria entrar no seminário como o seu irmão mais velho, próximo da ordenação sacerdotal. A resposta de Marcel é imediata: “Não me vejo chamado ao sacerdócio; acho que posso fazer o bem ficando no mundo”.

De facto, Marcel tinha as ideias bastantes claras sobre a sua vocação. Em 1942, no mundo da JOC, conhece e começa a namorar com a jovem Dernieaux, à qual declara os seus sentimentos de afeto e mais tarde o desejo e o compromisso de casar com ela.

No entanto, a guerra desencadeada por Hitler e a consequente invasão da França, em 1940, tornavam cada vez mais complicada a perigosa a vida também na cidade de Rennes, que foi bombardeada pela primeira vez, a 8 de março de 1943. Entre as mais de oitocentas vítimas perdeu a vida também Madalena, a irmã mais nova de Marcel que ele mesmo retirou de baixo dos escombros com grande determinação e calma.

Poucos dias depois, os jovens são obrigados a deixar a sua própria terra natal para o trabalho forçado na Alemanha.



Marcel Callo podia ter-se escondido ou fugido, mas não o fez, sobretudo para não prejudicar os pais com alguma retaliação dos nazis. Com profunda dor, despede-se da família e da noiva, levando apenas uma cruz que tinha recebido na Promessa do Agrupamento Escutista e as insígnias de Jovem Operário Católico. Entra no comboio que o afasta definitivamente da sua terra, dizendo: “Parto como missionário, para ajudar os outros a resistir!”. Era o dia 19 de março de 1943. Marcel tinha apenas 22 anos.

No campo de trabalho de Zella-Mehlis, Marcel continua a fazer uma discreta mas constante evangelização com a palavra e o exemplo. Ao findar do dia, na barraca onde se alojava, escreve cartas aos familiares, à noiva e aos membros da JOC de outros campos de trabalho. Em 14 meses, escreve 180 cartas. Dava-se ao trabalho de procurar um padre para celebrar a missa, animava a liturgia, comentava as leituras e dirigia os cânticos. Conseguiu dar vida a um coro litúrgico, a uma equipa de futebol, a um grupo de teatro e a uma equipa de voluntários para visitar os doentes e distribuir medicamentos.



Juntamente a este dinamismo apostólico, o jovem Marcel cultivava a sua relação com Deus através da oração pessoal, tinha o hábito de rezar o terço, à noite, para vencer a tristeza de não poder participar na ordenação sacerdotal do seu irmão e a nostalgia da sua noiva que amava intensamente.

Em abril de 1944, Marcel e outras 11 pessoas, entre padres e seminaristas, são presos e deportados para o campo de extermínio com esta acusação: “Viel Zu Katholsch” – “Demasiado católicos”.

No dia 6 de Julho de 1944, na sua última carta à família, Marcel escreve: “Cristo é um amigo que não te deixa nem um instante e que te sustem, com Ele aguenta-se tudo... Sinto Cristo ao meu lado, ajuda-me, conforta-me...”. Em outubro, o jovem e os seus companheiros, acorrentados no comboio, são levados para o campo de Mauthausen (Áustria), onde são tratados com brutalidade e submetidos a um trabalho inumano. Alguns começam a morrer atingidos por gangrenas, diarreias, úlceras e tuberculose.

No dia 19 de Março de 1945, o corpo sem vida de Marcel, caído numa latrina, é transportado para a enfermaria do Lager. Morre ao abandono, assistido por um prisioneiro não-crente, que se converte ao ver o seu rosto iluminado por um sorriso sereno. Mais tarde dará este testemunho:

*Se eu, não crente, que vi milhares de prisioneiros morrerem, fiquei impressionado com o olhar de Marcel Callo, é porque havia nele algo de extraordinário. Para mim foi uma revelação. O seu olhar expressava uma convicção profunda que o levou à felicidade. Era um ato de fé e de esperança numa vida melhor. Nunca vi, em lado algum, ao pé de um moribundo (e vi milhares), um olhar como o dele.*

Este rosto de luz, quer brilhar no rosto dos jovens da JMJ Lisboa<sup>23</sup>, em tempos dolorosos marcados pelo ódio da guerra, da perseguição racial e religiosa e de catástrofes ambientais. **M**

**Marcel Callo, escuteiro, “demasiado católico”**

Foto Diocese de Rennes, Dol et Saint-Malo

Miguel Panão



Comunicar, para nos relacionarmos com os outros e trazê-los à comunidade e à comunhão, é uma qualidade sublinhada de um modo novo pelo contexto digital. Porém, a comunicação mediada pela Internet, paradoxalmente, conecta e isola.

# O pensamento revolucionário do Metropolita de Pérgamo

Na Igreja Ortodoxa, metropolita é o nome dado ao bispo de uma determinada cidade. Ioannis Zizioulas era o Metropolita de Pérgamo que partiu para o Pai, a 2 de fevereiro deste ano. Zizioulas foi um dos intervenientes principais na apresentação em 2015 da Carta Encíclica *Laudato Si'* e isso deve-se aos avanços que ele deu como teólogo e filósofo na compreensão da relação entre o ser humano e a natureza.

Poucos conhecem Ioannis ou John Zizioulas, mas confesso que muito daquilo que desenvolvi em eco-filo-

sofia deve-se a ele. Um pensamento transformativo e revolucionário, profundamente sinodal, que pode impulsionar-nos a um novo equilíbrio entre a vida física e a virtual.

A sua obra mais conhecida (e não traduzida) dedica-se ao *“Ser como Comunhão”* (*Being as Communion*), um tema atual do caminho sinodal que se liga muito ao facto de na experiência cristã sermos imagem de Deus.

Como diz Zizioulas

*O ser de Deus é um ser relacional: sem o conceito de comunhão seria impossível falar do ser de Deus. (...) [Por isso,] é a comunhão que faz os seres “ser”: nada existe sem essa, nem sequer Deus.*

No mundo de hoje, a comunhão não acontece apenas através dos relacionamentos inter-pessoais físicos, mas também, pelos meios digitais.



Caminhos de Santo António, em Itália. Foto Giovanni Voltan, 2022.

Um dos temas do caminho sinodal é a antiga questão do sacerdócio das mulheres, mas do ponto de vista de ampliar o nosso lugar na natureza por via da dimensão litúrgica, abre-se a todo o ser humano a vocação de ser sacerdote da criação.



Daniella Zsupan-Jerome, que escreveu *Connected toward communion*, diz que

*Comunicar, para nos relacionarmos com os outros e trazê-los à comunidade e à comunhão, é uma qualidade sublinhada de um modo novo pelo contexto digital.*

Porém,

*A comunicação mediada pela Internet, paradoxalmente, conecta e isola.*

...

*Estas dinâmicas de relacionalidade humana no contexto digital levantam novas questões sobre aquilo que significa comunicar na direção da comunidade e da comunhão.*

Sermos comunhão quando uma boa parte de nós vive em ambientes digitais tornou-se um desafio para a formação e o crescimento espiritual, assim como para a relação que estabelecemos com a verdade.

Zizioulas liga a ideia de verdade à *vida*, ou seja, a algo prático. Uma das práticas mais desafiadas durante a pandemia, que nos coloca em contacto direto com a Verdade, é a Eucaristia. Na Eucaristia, a comunhão com Deus deveria levar-nos a experimentar a própria vida de Deus, uma vida trinitária, atualizada em cada Eucaristia pelo amor recíproco entre os membros da comunidade.

Para Zizioulas, através da experiência eucarística, “conhecimento e comunhão são idênticos”. Será isso que se experimenta quando a Eucaristia é mediada por um ecrã?

No único livro de Zizioulas que encontrei traduzido em português, do Brasil, *A Criação como Eucaristia*, a ligação que o sacramento tem com a dimensão eco-espiritual estende o seu raio de ação da nossa espécie a todo o mundo criado. E nesta ligação, Zizioulas oferece uma nova perspectiva sobre o nosso lugar na natureza.

Zizioulas julga que a nova cultura só supera a crise ecológica se der algum protagonismo à dimensão litúrgica do modo de sermos humanos. E a noção chave que Zizioulas propõe é a do “homem, sacerdote da criação”. Ele diz que

*a superioridade dos seres humanos em relação às demais criaturas não consiste na razão que eles possuem, mas sim na capacidade de colocar-se em relação, de modo a criar situações de comunhão a partir das quais os seres individuais são libertados do voltar-se sobre si mesmos e, portanto, dos seus limites, e passam a ser referidos a algo mais geral que eles mesmos, a um “outro” [Deus].*

Um dos temas do caminho sinodal é a antiga questão do sacerdócio das mulheres, mas do ponto de vista de ampliar o nosso lugar na natureza por via da dimensão litúrgica, abre-se a todo o ser humano a vocação de ser sacerdote da criação. E qualquer pessoa é chamada a exercer este sacerdócio, independentemente da sua condição.

Ser sacerdote da criação implica uma maior aproximação ao mundo natural, libertando-nos dos grilhões de algum excesso de vida digital, para encontrarmos formas criativas de

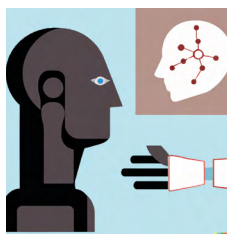
*abrir seres particulares a uma relação transcendental com o “outro”, uma ideia que corresponde mais ou menos àquela de amor no seu sentido mais radical.*

Um ágape onde o convite a sermos mais eco-litúrgicos se torna caminho para uma nova cultura que supera, criativamente, a crise ecológica que ainda vivemos através de uma profunda transformação interior, a partir de uma íntima e nova reciprocidade entre o ser humano e a natureza. **M**

Inês Santos



Gonçalo Oliveira



## ChatGPT

Conversa Transformadora Generativa  
Pre treinada

Certamente já se perguntou: *mas que raio é o ChatGPT?*

Este artigo ajuda-nos a entrar nesse novo mundo de oportunidades e perigos que estamos a construir.

# IA

## Oportunidades e perigos

A Inteligência Artificial (IA) é um dos campos de mais rápido desenvolvimento e mudança na ciência da computação atualmente. Envolve a criação de sistemas de computador que podem executar tarefas que normalmente requerem inteligência humana, como percepção visual, reconhecimento de fala, tomada de decisão e tradução entre idiomas.

O futuro da IA é empolgante e incerto, pois possui um tremendo potencial para melhorar as nossas vidas e abordar alguns dos maiores desafios do mundo, ao mesmo tempo em que apresenta riscos significativos e dilemas éticos. Neste ensaio, examinaremos as oportunidades e os perigos da IA e o que o futuro reserva para essa tecnologia.

### OPORTUNIDADES DA IA:

1. Maior eficiência e produtividade: a IA tem o potencial de automatizar muitas tarefas atualmente executadas por humanos, liberando tempo e recursos para atividades mais valiosas. Por exemplo, as empresas podem usar chatbots com inteligência artificial para lidar com consultas de atendimento ao cliente, liberando os representantes de atendimento ao cliente para lidar com questões mais complexas.
2. Cuidados de saúde aprimorados: a IA tem o potencial de revolucionar os

cuidados de saúde, fornecendo diagnósticos mais precisos e tratamentos personalizados. Por exemplo, os algoritmos de IA podem analisar imagens médicas para identificar sinais de doenças ou anormalidades e podem usar dados do paciente para prever a probabilidade de um determinado resultado de saúde.

3. Educação aprimorada: a IA pode fornecer experiências de aprendizado personalizadas, adaptadas às necessidades de cada aluno. Por exemplo, os algoritmos de IA podem analisar os dados de desempenho do aluno para identificar áreas em que um aluno pode estar com dificuldades e podem fornecer suporte e recursos direcionados para ajudá-lo a melhorar.
4. Novas inovações e avanços: a IA tem o potencial de gerar inovações e avanços em vários campos, incluindo transporte, energia e finanças. Por exemplo, carros autônomos movidos a IA podem reduzir o número de acidentes causados por erro humano, enquanto os algoritmos de IA podem ajudar a otimizar o uso de energia e reduzir as emissões de gases de efeito estufa.

### PERIGOS DA IA:

1. Perda de empregos: a IA tem o potencial de automatizar muitos trabalhos atualmente executados por humanos, levando potencialmente ao desemprego generalizado. Isso pode levar à desigualdade econômica, pois aqueles que são




deslocados pela automação podem ter dificuldade em encontrar um novo trabalho.

2. Preconceito e discriminação: os algoritmos de IA podem perpetuar e até mesmo ampliar os preconceitos existentes na sociedade. Por exemplo, os algoritmos de reconhecimento facial demonstraram ter taxas de erro mais altas para pessoas com tons de pele mais escuros. Preocupações com a privacidade: os sistemas de IA coletam e analisam grandes quantidades de dados pessoais, que podem ser usados para fins maliciosos, como roubo de identidade ou publicidade direcionada. Além disso, o uso de IA em áreas como vigilância e aplicação da lei levanta preocupações sobre privacidade e liberdades civis.
4. Armamento da IA: a IA tem o potencial de ser usada para fins maliciosos, como o desenvolvimento de armas autônomas. Isso pode levar a novas e mais mortíferas

formas de guerra, com consequências difíceis de prever.

O futuro da IA é incerto, mas está claro que essa tecnologia desempenhará um papel significativo na formação de nosso mundo nos próximos anos. Para garantir que as oportunidades da IA sejam aproveitadas e os perigos minimizados, é importante investirmos em pesquisa e desenvolvimento responsáveis e nos engajarmos em um diálogo contínuo sobre as implicações éticas e sociais dessa tecnologia.

À medida que a IA continua a evoluir e amadurecer, devemos trabalhar para garantir que ela seja usada para o benefício de todos, e não apenas de alguns poucos. Isso exigirá uma estreita colaboração entre pesquisadores, formuladores de políticas e o público, à medida que navegamos no cenário complexo e em rápida mudança da IA. Em última análise, o futuro da IA está em nossas mãos, e cabe a nós determinar como ela será usada e que tipo de mundo ela ajudará a criar. 

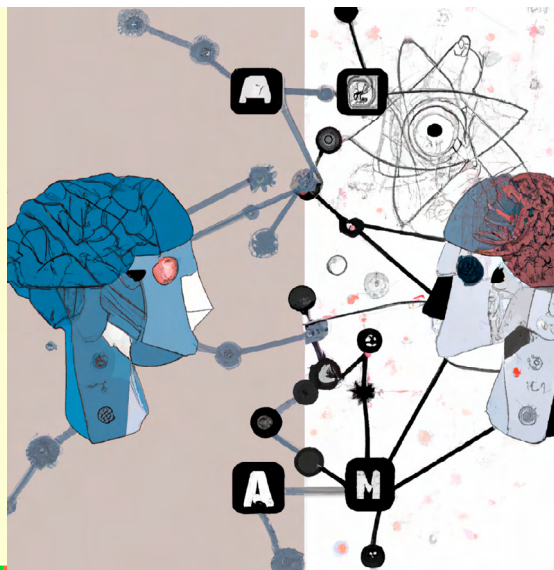
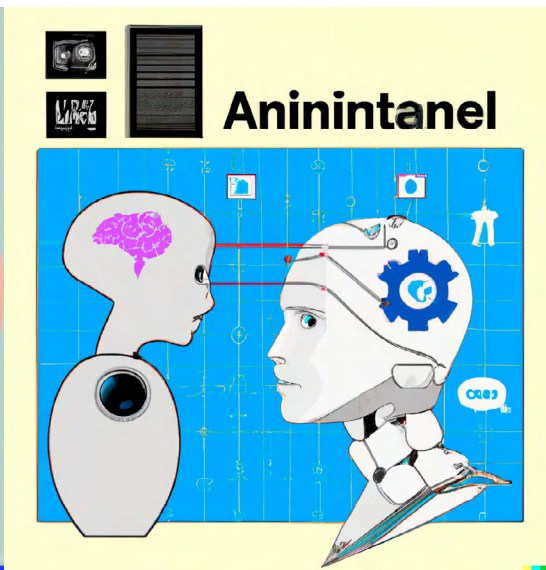
Notou algo diferente na leitura do artigo? E se revelássemos que foi escrito, na íntegra, por um programa de inteligência artificial (I.A.)\*, em menos de um minuto?

O único trabalho dos preguiçosos autores foi lançar a pergunta: “Explique, em 2.000 palavras, o futuro, as oportunidades e os perigos da IA”. *Voilà!* Nada mais simples e fácil. Até o título e as imagens são criados pelo programa. Bastou escrever “Dê um título curto para sua resposta” e “ilustre as oportunidades e perigos da inteligência artificial”, respectivamente.

Se estivermos com a devida atenção, damos conta de incongruências na gramática e uma ligeira artificialidade. Nada que um estudante universitário não possa fazer pior.

Na próxima edição, analisaremos as potencialidades da I.A. e, até lá, sintam-se livres para explorar esta tecnologia.

\* Texto gerado em inglês no site <https://chat.openai.com/chat> e traduzido para português em <https://translate.google.pt>. As quatro imagens foram geradas em simultâneo no site irmão <https://openai.com/dall-e-2/>.



Joana Cavalcanti

# Ensinar a OLHAR, aprender a VOAR

Aos que, em mim, habitam  
Deitados sobre o olhar

**A**bri a janela para o novo dia, seguindo Debussy e a sua *rêverie*. O meu olhar misturou-se à natureza de pedras altas, vestida de um verde-rápido que eu jamais havia visto. Senti-me em um paraíso perdido, onde poucos tiveram acesso.

O olhar que atravessou a janela, talvez não fosse meu e eu o tivesse roubado de outros olhos que não conheço. A janela larga, era o horizonte que se estendia para que eu, da minha ilha, pudesse ver a outra ilha. Muito mais pujante e selvagem. Simples em tudo. Viva. Era como se fosse um ponto a flutuar livre e sem nada precisar. O meu olhar contido em horizontes de trabalho e cotidianos de pressa, pousou ali – como se fosse um presente da vida ou um sinal de alerta para outros sentidos.

Enchi-me de liberdade: os meus olhos viram o mar profundo, em tudo vivo, em suas brincadeiras. Golfinhos e peixes suspiravam os seus so-

nhos, fazendo de conta que estavam a voar com pequenos pássaros de um azul-distante. Eles riscavam o céu em sua infinitude. Talvez ali, no paraíso cravado no Oceano Atlântico, despontasse sobre montanhas basálticas uma vida ancestral.

Sobre o meu olhar, posso dizer que se destinou, desde cedo, ao longe... ao que não se alcança de imediato e busca a contemplação. É um olhar de estranheza e ao mesmo tempo de intimidade. Concluí, tenramente, que o olhar não pode ser prisão e tem de saber colher os tantos sentidos do mundo. Tem de saber ler o mundo.

Ao pensar sobre o assunto, senti que o meu olhar, aportado na música e em sinestésias primitivas, “engolia” a paisagem feita de montanhas e mar. A minha mirada do dia, naquele dia, seria para um cotidiano desenhado entre memória e futuro.

Ali mesmo, debruçada na janela, revisitei os lugares da infância – a casa e a sua

“lonjura”, reatualizadas naquele olhar estendido – ora fora, ora dentro – como se fosse o balanço do mar. Lembrei-me da minha própria infância feita à beira da janela, a querer correr pelo jardim... esconder-se no côncavo da árvore de acácias vermelhas, que para mim, era uma escada que levava ao céu. Hoje, distante daquele tempo, repouso na eternidade das minhas invenções. Sentada entre as folhas e as flores daquela “minha árvore”, eu me eternizava sem tempo futuro. Era outro tempo. Sem a lógica dos ponteiros.

Eu não precisava de muito, apenas de esconder-me ali. Fundar mundos no mundo, o que só era interrompido com a voz da minha mãe: – menina, desça já daí. O sereno já vem. A vida serenava na vibração da sua voz.

Eu respondia-lhe: – só mais um bocadinho e desço. O bocadinho, significa o melhor daquele pedaço de dia.

A janela da sala era outro repouso, outra maneira

Concluí,  
tenramente,  
que o olhar  
não pode ser  
prisão e tem  
de saber co-  
lher os tantos  
sentidos do  
mundo. Tem  
de saber ler o  
mundo.



de viajar no tempo. Tinha moldura vermelha – era uma linda janela envidraçada e por isso, mesmo sem abri-la, eu conseguia fugir para “engolir” o mundo com o olhar. Escutava muitas vezes, as visitas que vinham a casa, perguntarem à minha mãe: – A menina não fala? É timidez? E a minha mãe, mestra no ensino sobre o olhar, respondia: – Fala, fala...mas ela gosta mesmo é de olhar. E inventa muita coisa, mas não me preocupa. Quando ela for adulta terá muitas paisagens para recordar. Histórias para contar.

A minha mãe era uma porta para o infinito. Cuidava de tudo com as suas mãos longas, ágeis, fortes e “fazedoras”. Eram mãos aquecidas pelo afeto que colocava em tudo. Ela era como os versos de Pessoa:

*Para ser grande, sê inteiro: nada  
Teu exagera ou exclui. Sê todo em cada coisa.  
Põe quanto és  
No mínimo que fazes.  
Assim em cada lago a lua toda  
Brilha, porque alta vive.*

(Odes, de Ricardo Reis. Lisboa: ática. 1946 –  
imp.1994, p.148)

Ela era assim, inteira. Era a casa e a sua extensão. Era mãe, mãos e mundos. Era “morabeza”, como dizem os cabo-verdianos. Era todos os nomes em uma só mesa, era Maria. Ela, sem dúvida, ensinou-me a olhar. De tal forma que tudo que olho, mesmo que já tenha visto, é como se fosse pela primeira vez. Logo, o novo está sempre a entrar na minha temperatura e corrente sanguínea. O novo sempre novo, onde existe um lago iluminado por uma lua que brilha inteira.

Eu fui uma criança frágil e por isso, muitas vezes, era impedida de correr, tomar banhos de chuva, dar banhos às bonecas e fazer o que as outras crianças faziam. Enquanto a minha irmã, mais nova um bocadito, corria livremente e molhava-se na chuva, eu contemplava a sua infância que se fazia aos saltos e esconde-esconde. Por outro lado, permitiam-me olhar da janela, o espetáculo da brincadeira. A contrapartida – a minha mãe deu-me asas para o olhar e, desde então... nunca parei de “engolir” o mundo com os olhos.

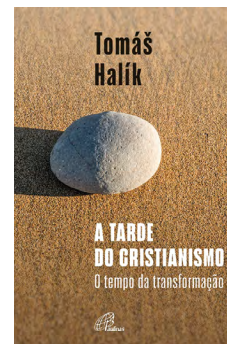


Rui Pedro  
Vasconcelos



*A evangelização – tarefa central da Igreja – nunca será suficientemente “nova” nem eficaz se não penetrar na dimensão profunda da vida humana e da cultura humana, que é o habitat da espiritualidade (...) A tarefa que aguarda o Cristianismo nesta tarde da sua história consiste em grande medida no desenvolvimento da espiritualidade – e uma espiritualidade cristã recém-compreendida pode dar um contributo significativo à cultura espiritual da humanidade de hoje, muito para lá das fronteiras da Igreja (p. 226).*

Obra: ***A Tarde do Cristianismo***  
 Autor: **Tomás Halík**  
 Edição: *Paulinas*  
 Páginas: 312



O nome do teólogo checo Tomás Halík já se tornou conhecido entre nós graças a uma série de traduções de obras suas que nos foram chegando, revelando-o como uma das vozes contemporâneas mais originais na hora de pensar a vivência cristã no contexto do mundo ocidental. *A Tarde do Cristianismo* constitui sem dúvida uma obra de grande fôlego e maturidade, que nos situa nas dimensões centrais do que define a nossa vida cristã.

A metáfora da Tarde aponta para as etapas de vida de uma pessoa, aplicada aqui à história do Cristianismo: após uma manhã “mítica” de nascimento e apogeu da sociedade cristã antiga e medieval, a crise do meio-dia associa-se com a perda de influência dos ritmos e valores cristãos na Modernidade. O tempo atual será, de acordo com Halík, muito favorável – aplicando o termo grego, presente no Novo Testamento, de *kairos* – para um Cristianismo maduro, capaz de dialogar com as nossas buscas espirituais mais profundas. Já não se trata tanto de defender e debater a fé perante o ateísmo e a ciência, como boa parte da teologia se preocupou, mas em ir de encontro ao estado mais comum entre nós: o de uma credulidade/incredulidade latente, sonâmbula, dividida entre cristãos pouco formados e com uma prática religiosa difusa, e largas camadas do que o autor chama de *nones*: nem pertencem, nem rejeitam, simplesmente não se revêem nas propostas espirituais das instituições eclesiais.

O Autor traça um percurso sobre o que podemos compreender por fé ou por

crer. Não se trata de um simples assentimento aos valores e doutrinas apresentados pela Igreja. O crer é um processo que pertence a qualquer vida humana, na medida em que esta se constitui na base de uma confiança fundamental – nas relações, na palavra, no futuro. No caso eclesial, este crer encontra-se fortemente abalado, quer pela ausência de propostas de renovação espiritual, quer pelos escândalos relacionados com os abusos sexuais. Se o magistério do Papa Francisco se caracteriza pela busca de uma renovação eclesial em linha com o Evangelho e o Vaticano II, a ausência de mudanças fundamentais nas estruturas eclesiais faz com que a vida cristã na sociedade ocidental permaneça num lento declínio.

É aqui que surgem novas oportunidades para o Evangelho: compreender que a missão dos crentes não passa por moldar ou ocupar todo o espaço social mediante um discurso centrado nos valores, mas criar sim propostas de aprofundamento e qualidade espiritual que sejam capazes de dialogar, sem proselitismos, com o desejo humano e espiritual que em todos habita. Para tal é necessário aprofundar a experiência do Deus que, em Jesus, se revela como Amor pascal – capaz de assumir tudo o que de pecado e de morte constitui o nosso mundo, para o transfigurar numa vida nova. Não se trata de fazer grandes planos ou eventos pastorais, mas de imprimir um novo cunho humano às pequenas práticas que ainda teimam em persistir, no quotidiano dos nossos dias. **M**



# um dia, quando cresceres, vais perceber

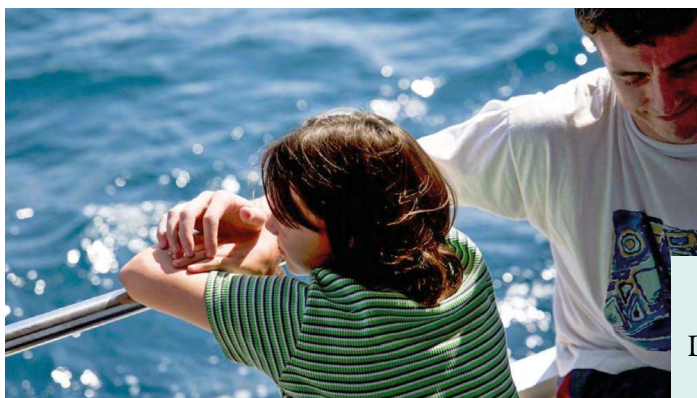
**H**oje, escrevo sobre um filme ‘belo de certa maneira’, de quando ainda se telefonava numa cabine telefónica e as férias e divertimentos, apesar de tudo, eram mais vagarosos. Tão estranho aos ritmos de hoje. É um filme que vale a pena ver, mesmo se nos deixa ‘pendurados’ a pensar naquela porta que vai e vem...

Uns vinte anos depois, Sophie (encantadora Frankie Corio), já adulta e mãe, vai rever e recordar aquelas magníficas férias que passou com o seu pai, Calum (inesquecível Paul Mescal), algures na Turquia, quando tinha 11 anos e registava tudo na sua câmara de filmar. Carregadas de nostalgia, talvez agora aquelas filmagens consigam fazer sentido e ajudá-la a compreender aquele pai, tão próximo e tão misterioso, tão alegre e tão triste, que se despediu dela no aeroporto e que, provavelmente, ela não voltou a ver. Mas ficou a memória daquelas férias magníficas e ela vai voltar a esses dias, entrecortando as suas lembranças quase fantasmáticas com luzes e sombras numa discoteca, no presente.

É assim a memória, feita de muitas imagens difusas e trémulas, e de outras tantas bem definidas (é muito interessante esse jogo da fotografia entre a nitidez e a desfocagem).

O que temos diante de nós são dois seres em crescimento, à procura de si mesmos: uma filha, Sophie, em transição da infância para a adolescência, não sendo já criança, mas não conseguindo ainda entender e entrar nas conversas e descobertas dos adolescentes mais velhos do que ela; e um pai, Calum, separado, mas que ainda diz à ex-mulher que a ama, que muitas vezes parece perdido, sem saber que rumo seguir (como sugerem os enquadramentos que fragmentam o corpo do personagem, escondendo-o nas sombras, nos espelhos, nas telas de TV ou nos limites da área enquadrada pela câmara).

Por isso, o filme – e creio que vem daí o seu encanto – é muito mais do que uma crónica de umas férias em que um pai e uma filha se entenderam e divertiram muito. É uma exposição do mundo interior que habita cada pessoa e que é sempre um mistério para os outros, sobretudo quando se é uma criança. Nem Sophie nem nós ficámos a saber quais são esses ‘demónios’ interiores que habitam o pai (há um momento em que me lembrei de Virgínia Wolf a entrar no mar...). Talvez seja isso que ela procura agora, ‘atormentada’ por essas memórias: resolver os enigmas e encaixar as peças, “como se fosse um derradeiro encontro com o seu pai, que começamos a presumir desaparecido, entretanto”. **M**



Manuel Monteiro  
Mendes



É um filme que não se deixa ‘apanhar’ à primeira. Um filme tão encantador, tão generoso, tão verdadeiro, que com tanta simplicidade e humildade põe diante de nós o tanto que há de insondável nos laços que nos tecem e constroem, no meio de tanta fragilidade e tantos erros.

*Aftersun*,  
de Charlotte Wells,  
Drama, M/12, 2022,  
EUA, Reino Unido

# CAMPANHA ASSINANTES

## António secreto



**Livro António Secreto + Assinatura 6 meses**  
24,00\* Euros + 11,00 Euros = ~~35,00 Euros~~ **30,00 Euros**

**Livro António Secreto + Portes para Portugal**  
**24,00 Euros**

**Em <https://santoantonio.live/assinantes/> encontra um formulário**

para efetuar a encomenda e o pagamento. O livro será enviado pelos CTT sem custo adicional.

Também poderá fazer a aquisição do livro e assinatura da revista junto das comunidades dos freis em Coimbra, Lisboa ou Viseu.

Pagamento e donativos através de Multibanco, MBWay, Paypal ou transferência bancária.



**NIB: 0010 0000 42510410001 59**  
**IBAN: PT50 0010 0000 42510410001 59**  
**SWIFT/BIC: BBPIPTPL**

Se já é assinante, pode usufruir de igual modo da campanha, acrescentando 6 ou 18 meses à sua atual assinatura.

\*Preço de capa - 24,00 Euros

<https://santoantonio.live>

# Há pressa no ar

## A pressa de partilhar um tesouro

*O Especial deste mês é dedicado à **JMJ – Lisboa 2023**. É o primeiro de três que a revista “Mensageiro de Santo António” apresentará aos seus leitores. O primeiro dá o Lá-Mi-Ré às Jornadas, por isso, fomos bater à porta do autor da letra do Hino desta JMJ: o Pe. João Paulo Vaz.*

*Sabíamos que era arriscado pedir um trabalho a quem está “cheio” de trabalhos, porém, confiando na sabedoria antiga, fomos pedir não a quem não tinha nada que fazer, mas a quem já tinha muito que fazer, porque sempre encontraria um tempito para nos atender. Eis resposta: “Partilho que gostei muito de escrever este texto. O Espírito Santo é muito nosso amigo!”.*



Jovens em Lisboa. Foto Divulgação JMJ Lisboa 2023.

# UM BEM DE QUE NOS PODEMOS ORGULHAR



*Pe. João Paulo Vaz*

**D**izem algumas definições, em diferentes dicionários, que a palavra “orgulho” significa: “manifestação do alto apreço ou conceito em que alguém se tem”; ou “brio”; ou “sentimento gerado pelo reconhecimento do valor de uma pessoa ou de algo, em geral, relativa a si próprio ou a alguma conquista pessoal”; entre outras. Normalmente, tem, até, associada uma conotação negativa... Mas, há pessoas, conquistas, coisas de que nos podemos e devemos orgulhar, não com a “vaidade” de quem se auto-engrandece, mas com a “humildade” de quem reconhece um bem atingido ou a atingir. Gosto de pensar que os nossos jovens, hoje, são um bem de que nos podemos e devemos orgulhar.

São-no, também, todas as iniciativas que os rodeiam e ajudam a manifestar, crescer e dar a sua medida. Somos capazes de grandes coisas – amorosamente grandes, à boa maneira de Cristo, por

Ele e com Ele – e com elas nos devemos alegrar. Este é um “orgulho bom e sadio”, que nos permite ir mais longe e acreditar em processos que estão muito além das angústias e desesperos que cada tempo nos pode trazer (como estes que vivemos?..).

Os jovens, do hoje e aqui de cada realidade, são um futuro que queremos perspectivado pela fé, sonhado pela esperança e preparado pela caridade. Quando chegamos perto disto ou o conseguimos, há que experimentar e assumir esse “orgulho bom” como verdadeiro testemunho no mundo.

Este ano, dedicado, especialmente, aos jovens, no seu encontro com Cristo, e ao discernimento vocacional, bem como a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) Lisboa 2023 é algo de que nos devemos “orgulhar” como resposta da Igreja ao mundo, uma resposta sem igual, o maior encontro da história da humanidade, que tem Cristo no centro e os jovens, com o Papa, verdadeira Igreja, ao Seu redor, numa sinodalidade tão desejada e, aí, tão real. E são jovens – muitos! – que gritam o nome de Jesus sem receios, sem filtros, “sem para-que-das”.

Os jovens, do hoje e aqui de cada realidade, são um futuro que queremos perspectivado pela fé, sonhado pela esperança e preparado pela caridade.

Isso mesmo cantamos já, por todo o mundo: “Todos vão ouvir a nossa voz! Jesus vive e não nos deixa sós: não mais deixaremos de amar.” Assim o diz o Hino JMJ 2023, “Há Pressa no Ar” e isto nos deve encher de alegria.

## O HINO DA JMJ

Paremos um pouco na mensagem desta música, levada ao concurso do Hino da JMJ pela “Banda da Paróquia”, da Diocese de Coimbra, e da autoria de Pedro Ferreira (música) e Pe. João Paulo Vaz (letra), tentando perceber e acolhendo o que esteve na sua génese.

Chegamos a Lisboa 2023, depois de um percurso de muitos anos, que começou por vontade do Papa S. João Paulo II, em 1986, em Roma. As Jornadas Mundiais da Juventude tornaram-se um caminho da Igreja e em Igreja, acompanhando os jovens no seu crescimento e levando-os a uma maturidade que deixa as suas consequências (boas) no mundo.

Nenhuma JMJ acontece isoladamente, mas é parte de um caminho que a Igreja preconiza. Daí que, para além dos encontros mundiais da JMJ, que têm acontecido de dois em dois ou de três em três anos, temos sempre as “Jornadas” intermédias, de âmbito local ou diocesano, com uma proposta temática e de vivência para cada ano. Este é um caminho que não para, porque também não queremos que os nossos jovens parem.

Foi esta assumpção que esteve como ponto de partida para a nossa proposta de letra do Hino JMJ 2023. Fui buscar, então – e permiti-me, agora, que fale na primeira pessoa, como autor dessa letra – os temas propostos para cada ano pelo Papa Francisco, desde e incluindo o da JMJ Panamá 2019, para iluminar cada uma das estrofes propostas:

1ª estrofe – *“Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc. 1,38), para 2019, JMJ Panamá.

Sáímos, partimos de todo o mundo, para chegar aqui, onde queremos ensaiar esse “sim”, como e com Maria: um sim à vontade do Pai, à identidade cristã, um sim a dar sempre, a servir, a estar no mundo nessa atitude, tal como fez Maria.

2ª estrofe – *“Jovem, eu te digo, levanta-te!”* (Lc. 7, 14), para 2020.

Se queremos dizer “sim”, como Maria, há que assumir a nossa realidade e ser essa Igreja em saída, que o Papa Francisco nos pede que sejamos (e os jovens à frente!).

Não sabemos tudo, precisamos conhecer e conhecermo-nos. Para isso, havemos de partir à descoberta, de nós mesmos e do que Deus colocou no nosso caminho, juntos. Somos convidados a olhar para além de nós mesmos e do que fazemos, em especial, para além daquilo que não nos deixa amar e ser felizes, num ato de coragem que não nos deixe olhar para trás, ficar presos num passado desconstruído, que não nos deixe dizer “não” à vida e ao amor.

Recentramos a vida, escutando o nosso coração, o “lugar” de Deus em nós, levantando-nos e partindo, determinados a fazer deste mundo uma casa melhor, uma tenda maior, tomando a iniciativa, não ficando para trás nesta missão.



Padre João Paulo Vaz, autor da letra, e Pedro Ferreira, músico e professor.  
Divulgação Hino Oficial JMJ Lisboa 2023.

3<sup>a</sup> estrofe – “*Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste!*” (Act. 26, 16), para 2021.

A vida e vinda de Jesus a nós foi e é um mistério e uma surpresa sem igual. Maria foi a primeira a acolher este mistério da presença real (e física) de Deus no meio de nós. Foi também a primeira a levar essa notícia aos outros (já o veremos na estrofe seguinte). Ela acolheu e testemunhou, com confiança inabalável e simplicidade, a certeza de que Deus ama e é por cada um de nós. Também nós (e os jovens à frente!) o havemos de testemunhar. Já não podemos calar o amor de Deus por nós, em Jesus, e, por isso, Lhe dizemos que conte connosco, porque estamos disposto a dizê-lo ao mundo, a começar pelos nossos lugares, para onde voltamos sempre. Não mais calaremos!

4<sup>a</sup> estrofe – “*Maria levantou-se e partiu apressadamente*” (Lc. 1, 39), para JMJ Lisboa 2023, inicialmente prevista para 2022.

As formas como, atualmente, somos tentados e levados a viver nem sempre nos permitem essa disponibilidade interior de quem se põe a caminho só por causa dos outros (e/ou de levar Cristo aos outros). Também é verdade que nos perdemos cada vez mais, nas montanhas e vales da nossa existência, nos caminhos interiores do que somos.

Do encontro com aqueles a quem levamos Cristo, brota a alegria, a saudação (ou salvação) e a comunhão.



Jovens em Lisboa. Foto Filipe Amorim, Divulgação JMJ Lisboa 2023.

Duvidamos de que somos capazes de responder aos desafios de vida; duvidamos da nossa capacidade de anunciar e levar Cristo aos outros; duvidamos, até, que essa seja uma proposta que os homens queiram escutar e acolher. Já não sabemos se Cristo tem lugar neste mundo e concluímos, por vezes e com alguma tristeza, que não somos nós a conseguir levá-l’O...

Mas, não é assim! Maria, “tão jovem”, sabia que era capaz, porque sabia Quem levava dentro de si. A questão não estava nela mesma, mas n’Aquele a Quem tinha dito “sim” e que, agora, trazia no seu ventre.

Se um dia dissemos “sim” a Cristo, passámos a trazê-l’O no nosso “ventre” e é daí que O levamos aos outros, como Maria O levou à sua prima Isabel. Não anunciamos nada que esteja fora de nós, fora das nossas vivências, fora da nossa experiência interior: anunciamos o que já é nosso. Por isso, é como Maria que, apressadamente, sem dúvidas dessa Presença, sem dúvidas da nossa capacidade de Lhe dizer “sim” e de O acolher, O levaremos aos outros, pelas montanhas, vales e caminhos da nossa existência, realidades e circunstâncias.

Mas, não termina aqui a maravilha da missão que assumimos. É que, do encontro com aqueles a quem levamos Cristo, brota a alegria, a saudação (ou salvação) e a comunhão. Passamos a viver bem, juntos, em função amorosa uns dos outros, servindo porque amamos, felizes, sabendo que a causa de tudo isto é e sempre será Aquele que levamos em nós, o “fruto bendito”. Também nós seremos felizes, porque acreditámos.

E, claro, tudo isto nos encaminha para esse refrão jubiloso em que manifestamos, juntos, a nossa vontade e as nossas certezas: “Todos vão ouvir a nossa voz, levantemos os braços, há pressa no ar! Jesus vive e não nos deixa sós: não mais deixaremos de amar!”

## HÁ PRESSA NO AR

HINO OFICIAL DA JMJ 2023

De todo o mundo para este lugar,  
Partimos, voámos, chegámos aqui.  
Com Maria, ensaiamos um sim.  
Queremos servir, fazer a vontade  
Do Pai, nosso Pai.  
Chamados a ser com Cristo Jesus,  
Queremos dar, queremos estar,  
Dispostos ao sim, fazer como a Mãe.

*Refrão:*

*Todos vão ouvir a nossa voz,  
Levantemos braços, há pressa no ar.  
Jesus vive e não nos deixa sós:  
Não mais deixaremos de amar.*

Tu que andas à procura de ti  
Parte à descoberta, vem ver o que eu vi.  
Vem connosco, vem olhar para além  
Daquilo que fazes e que não te deixa  
Sorrir e amar.  
Não olhes para trás, não digas que não.  
Ouve o teu coração,  
E parte, sem medo, nesta missão.

*[Refrão]*

Foi Maria quem primeiro acolheu  
A grande surpresa da vida sem fim.  
Confiante e simples, quis receber  
Tão grande mistério de um Deus que é  
p’ra sempre / Por ti e por mim.  
Não posso calar, não posso deixar  
De dizer: “Meu Senhor,  
Conta comigo, não mais calarei!”.

*[Refrão]*

Sem ter dúvidas da sua missão,  
Maria, tão jovem, depressa deixou  
Sua casa e p’la montanha subiu,  
P’ra ver Isabel e logo encontrou  
Saudação, comunhão.  
O fruto é bendito, é o meu Senhor!  
E eu também quero ouvir:  
“Porque acreditaste, para sempre és feliz!”.

**Letra:** João Paulo Vaz, Matilde Trocado,  
Hugo Gonçalves

**Música:** Pedro Ferreira

**Arranjo:** Carlos Garcia



Ensaio do Coro da JMJ  
Lisboa 2023. Foto Raquel  
Duarte, Coro Reitoria  
ULisboa, Jah 2023.

## QUEREMOS UMA IGREJA JOVEM

Estamos todos envolvidos neste caminho para a Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa. Não são os jovens, mas toda a Igreja, que queremos que seja jovem, porque eles são Igreja.

Estas pistas, provocações e convites do Hino da JMJ 2023 alimentam-nos neste caminho e poderá ser uma boa motivação e preparação cantá-lo muitas vezes e fazer dele uma catequese.

Na verdade, esta reflexão diz respeito à nossa identidade cristã e os jovens são capazes de assumir tudo isto. E mostram-no em muitas ocasiões e circunstâncias (não só numa JMJ!).

Não será esta afirmação, então, configuradora de uma esperança maior para a Igreja e para o mundo? São tantos os jovens envolvidos, com entusiasmo e resiliência, por todo o País, na preparação dos Dias nas Dioceses e da JMJ.

Fazem-no para acolher e estar com jovens cristãos do mundo inteiro, para participar, dispostos a uma troca de experiências e testemunhos configurados pela fé e amizade com Cristo. O elo que liga todos e a preparação com a concretização é Jesus Cristo. E estes jovens sabem-no, dizem-no e, por isso, querem estar.

Naturalmente, sempre nos parece que é uma percentagem muito reduzida (quase ínfima) a daqueles jovens que estão envolvidos, quer na preparação e caminho, quer na participação. “São tão poucos os que aceitam!”, dizemo-lo, na leitura da realidade que nos envolve.

Provavelmente, sempre tivemos mais jovens (ou mais homens e mulheres) “fora” da Igreja do que “dentro”. Provavelmente, sempre tivemos uma percentagem reduzida de jovens (ou de homens e mulheres) a fazer o encontro com Cristo, a aceitar ser discípulos missionários, a assumir a sua pertença à Igreja e a corresponsabilidade.

Talvez seja um bom objectivo para esta JMJ, antes, durante e depois: “preparar a terra” e “deixar os pousios”, de preferência com a criatividade juvenil.





*Símbolos da JMJ na diocese de Braga. JMJ Lisboa 2023. Foto COD Braga, 9 Fev 2023.*

Já o dizia a Parábola do Semeador! Infelizmente, a semente não caiu só na terra boa: alguma caiu no caminho calcado, outra em terreno pedregoso e outra, ainda, entre os espinhos; e a coisa não foi!... Mas, a semente era a mesma e, na terra boa, produziu (ou produz) “umas, cem; outras, sessenta; e outras, trinta” (Mt. 13, 8). Não duvidemos da qualidade da semente, a Palavra que dá vida, mas assumamos, com serenidade, humildade e sempre dispostos a voltar a semear, que nem todo o terreno produz, a não ser que seja preparado para isso: podemos sempre picar o caminho calcado e desfazer os torrões; podemos remover pedras e pedregulhos e aplanar a terra; podemos cortar e queimar os espinhos.

A terra boa prepara-se todos os anos e, frequentemente, é estrumada e fertilizada, para que produza bem. É isto que temos sempre de continuar a fazer, sem desistir: preparar o coração dos homens e mulheres (ou dos jovens) para acolher Jesus e poder dar frutos de paz, de alegria, de salva-

ção; preparar esse terreno com a melhor alfaia de sempre – o amor.

E na vivência deste não há percentagens ínfimas. Os nossos jovens são (muito) capazes de amar e, por isso, de dizer “sim”, de se envolverem e comprometerem. Não temos os jovens todos envolvidos na JMJ 2023, é certo que não. Mas, temos as sementes, um Semeador que não deixa de semear e temos tantos outros que estão dispostos a trabalhar a terra. Talvez seja um bom objectivo para esta JMJ, antes, durante e depois: “preparar a terra” e “deixar os pousios”, de preferência com a criatividade juvenil.

Preocupemo-nos com as necessidades logísticas, económicas, temáticas, litúrgicas, o que for, que todo o processo da JMJ nos impõe, mas não deixemos de dizer que respondemos por Cristo e com Cristo, para que Ele Se faça vida em cada um. Falemos d’Ele e com Ele, em todo o processo.

## UM SONHO QUE NÃO ACABA

Gosto muito de pensar que o grande acontecimento da JMJ – e experimentei-o, nas seis Jornadas Mundiais em que participei – faz os jovens sonhar com muito mais e que esses sonhos têm um “Fazedor”, que é Cristo.

Recordo um momento que muito me emocionou, na JMJ Paris 97: a *Corrente da Fraternidade*.

Basicamente, todos os jovens participantes nesta JMJ foram colocados em diferentes zonas, ruas e avenidas de Paris, rodeando a capital de França, numa corrente ininterrupta de cerca de 800.000 jovens, de mãos dadas, de costas para o centro da cidade (voltados para todo o mundo).

Há-de preocupar-nos muito a realidade de um jovem que não sonha. Sim, porque quem não sonha vive em desespero.



Às 12h00 em ponto, desse dia, e durante cinco minutos, o trânsito parou por completo, todos os sinos de Paris tocaram e os jovens, de mãos dadas, em silêncio completo, disseram ao mundo: estamos aqui, em comunhão de irmãos, com o nosso Jesus no centro das nossas vidas, dispostos a ir estrada fora, mundo fora, anunciar o Seu amor, servir e mostrar a todos que somos irmãos, que o mundo é a nossa casa e que a vida é para todos.

Recordo que chorei muito, emocionado, e vi outros chorar e tremer de emoção, experimentando uma responsabilidade amorosa que nunca antes tinham sentido. Isto fez-nos sonhar.

Quando me questiono sobre que sonhos acalentam os jovens, atualmente, concluo que não há um grande sonho comum, hoje, próprio da identidade juvenil.

Mas, sei que há muitos sonhos: a paz, a justiça, a igualdade, a simplicidade, a fraternidade. Há-de preocupar-nos muito a realidade de um jovem que não sonha. Sim, porque quem não sonha vive em desespero. A maior parte dos nossos caminhos de vida nascem dos sonhos e Deus Se manifesta aí também.

Procuremos, todos, carinhosamente, com todo o empenho, que esta Jornada Mundial da Juventude seja uma ocasião para que os nossos jovens sonhem muito. **M**

# Orações

## a Santo António

DEVOÇÃO

**Q**uerido Santo António, hoje soube da notícia de um irmão que tirou a própria vida. Eu não o conhecia, mas me compadeço da dor dele pois muitas vezes já senti essa angústia e já senti a mesma vontade. Até hoje tenho resistido, mas, infelizmente, este meu irmão em Cristo, não. Então venho aqui pedir a sua intercessão junto a Jesus pela alma desse rapaz, que ele seja acolhido e não padeça no vale dos suicidas. Tenha piedade dele e de todos nós. Peça a Deus que perdoe os pecados dele e minimize os danos colaterais, pois as dores de estar vivo às vezes são muito maiores do que podemos calcular. Amém. *Carol*

**E**stou a precisar muito da ajuda de Santo António, para ter forças para continuar a viver. Interceda por mim Santo António. *Leonel*

**Q**uerido Santo António, hoje quero agradecer-te de todo o coração por nos teres proporcionado a escolha do nosso novo lar. Espero que continues connosco na caminhada da vida. Peço-te agora, que nos ajudes a encarar o futuro com mais calma, carinho e compreensão e que o meu filho e netos tenham consciência do mal estar que nos continuam a dar. Obrigado mais uma vez. *António*

**Q**uerido Santo António, obrigada por tudo o que és na nossa vida. Estamos num momento muito decisivo da nossa vida por causa do apartamento. Peço-te que nos protejas e nos tragas as melhores decisões para compra e venda. Se é para nosso bem, põe no nosso caminho a decisão certa. Olha para a nossa saúde, que não tenhamos nada de mal! *Helena*

**Q**uerido Santo António, peço-te de todo o meu coração a graça de uma santa e saudável gravidez! Eu te consagrarei este bebé que se chamará António ou Teresa. Abençoa o meu trabalho e concede a graça de um trabalho ao B. *Mamã grávida*

**Q**uerido Santo António, tu que tantos milagres realizaste também poderás interceder junto de Deus e pedir-lhe que atenda o meu pedido: que fique apagado todo o mal que T fez à R e ao J; que T e família se afastem definitivamente de R e de J, de mim e da nossa família. Muito Obrigada, querido Santo António.

**Q**uerido Santo António, peço saúde para a minha família e para a família do meu filho, ajuda-o a encontrar orientação, equilíbrio profissional e financeiro e harmonia. Também te peço saúde para o meu outro filho e um trabalho compatível com as suas capacidades. Gratidão pelas vossas bençãos. *Noémia*

**M**eu querido Santo António, tantas vezes venho ter contigo... chorar, desabafar... e suplicar a cura do meu menino. Venho dos Açores para encontrar a cura do meu filho e, aqui neste lugar, junto de ti, encontro força e paz para lutar todos os dias! Em ti confio! Se não nos abandonaste até agora também não nos abandonarás na reta final! Cura o meu menino! Amém! *Goteri*

**S**anto António, padroeiro dos namorados, nosso protetor e santo capaz de tantos milagres, peço-te que intercedas por mim e leves o meu pedido até ao Pai. Permite que, pela tua intercessão poderosa, o meu coração possa ficar mais tranquilo e possa cumprir aquilo em que acredito que é a vontade de Deus. Obrigada, por me guardares! Ámen!

**Q**uerido Santo António, tantas vezes me tens protegido e, graças a ti, estou viva para cuidar do meu filho deficiente e, neste momento, do meu marido, de quem tanto preciso, que se encontra doente sem chegarmos a conclusão alguma! Ajuda-nos! O meu muito obrigada! *Catarina M*



Estou a precisar muito da ajuda de Santo António, para ter forças para continuar a viver. Interceda por mim Santo António. *Leonel*

Idalino Simões



*Quem é pobre dá tudo o que tem. A foto símbolo da viagem: no exterior da catedral de Juba uma criança oferece uma nota ao Papa.*

Andrea Tornielli  
(Diretor Editorial do Dicastério para a Comunicação do Vaticano), Foto Vatican Media, 4 FEV 2023.



# 0,007 Francisco no Congo e no Sudão do Sul

**É** sempre uma boa oportunidade acompanhar as visitas do Papa. São momentos únicos que abrem a catolicidade da Igreja nos diferentes climas culturais, ajudando a relativizar as nossas memórias de um baço brilho de grandeza e domínio.

Esta visita é um mergulho no mundo da pobreza e da violência. É entrar nas zonas onde a paz é apenas sonho e onde a dura realidade da exploração é servida diariamente.

Basta fixarmo-nos em dois momentos da viagem: O encontro com as vítimas das lutas fratricidas no Congo e o encontro com refugiados internos no Sudão do Sul.

Nessa tarde de 1 de fevereiro, depois da celebração em rito Zaireense com um milhão de participantes, o Papa recebeu, na Nunciatura, algumas das vítimas das lutas fratricidas. Como foi possível? A violência da crueldade estampada no rosto e nas lágrimas contracenada com a atitude do perdão e dos gestos. A compaixão ganha rosto nos mártires vivos. A heroicidade ergue-se como uma esperança na jovem mãe de duas gêmeas concebidas quando era escrava sexual dos bandos armados. A emoção do Papa abençoando em carinhoso silêncio cada uma das vítimas é um grito mais forte do que as palavras:

*Obrigado! Obrigado pela coragem destes testemunhos. Perante a violência desumana que vistes com os vossos olhos e experimentastes*



*na própria pele, fica-se chocado. Só nos resta chorar, sem palavras, permanecendo em silêncio. Bunia, Beni-Butembo, Goma, Masisi, Rutshuru, Bukavu, Uvira... são lugares que os meios de comunicação internacionais quase nunca mencionam: lá e noutros lugares, tantos irmãos e irmãs nossos, filhos da mesma humanidade, são reféns da arbitrariedade do mais forte, de quem tem na mão as armas mais potentes, armas que continuam a circular. O meu coração está hoje no Leste deste imenso país, que não terá paz enquanto esta não for alcançada lá, na sua parte oriental...*

A visita ao Sudão do Sul é o encontro com uma das populações mais pobres do mundo. Talvez, por isso mesmo, a criança que estende a mão e entrega ao Papa Francisco uma nota, equivalente a 0,007 euros, se tornou um ícone desta viagem, como salientou Andrea Tornielli, Diretor Editorial do Vaticano.

A viagem ecuménica do Papa Francisco, juntamente com o Arcebispo de Canterbury Justin Welby e o moderador da Igreja da Escócia Ian Greenshields é um acontecimento simbólico no encontro em Roma como os dois protagonistas rivais nas lutas fratricidas. Nesse encontro entre os opositores, Francisco ajoelhou-se e beijou os pés dos dois suplicando a paz. Como diz o Papa Francisco foi algo inesperado pois não tinha pensado nisso, aconteceu como “uma inspiração”... Mas a paz não aconteceu.

Esperamos que, como foi anunciado depois da visita, a paz agora aconteça, com o compromisso solene do Ministro dos Assuntos Presidenciais do Sudão do Sul, Barnaba Marial Benjamim, e o Chefe da Delegação do Governo do

país se terem comprometido e reatar as conversações com os grupos da oposição. Estas conversações serão mediadas pela Comunidade de Santo Egídio.

Como momento importante desta visita ecuménica o encontro com os refugiados foi uma ocasião para a palavra em uníssono pela paz dos responsáveis das três igrejas irmãs. Assim falou o Papa Francisco:

*O futuro não pode ser nos campos de desalojados. É preciso – justamente como pedias tu, Johnson – que todos os rapazes como tu tenham a possibilidade de ir à escola e também o espaço para jogar futebol! Há necessidade de crescer como sociedade aberta, misturando-se, formando um único povo através dos desafios da integração, inclusivamente aprendendo as línguas faladas em todo o país e não apenas na própria etnia. É preciso assumir o risco estupendo de conhecer e acolher quem é diferente, para encontrar a beleza duma fraternidade reconciliada e experimentar a aventura inestimável de construir livremente o próprio futuro juntamente com o da comunidade inteira. E é absolutamente necessário evitar a marginalização de grupos e o levantamento de guetos dos seres humanos. Mas, para todas estas carências, há necessidade de paz. E há necessidade da ajuda de muitos, da ajuda de todos.*

A oração ecuménica depois do encontro com os representantes dos cerca de quatro milhões de deslocados internos é uma bandeira a proclamar

que a paz é possível, mesmo depois de anos de luta e de condenações, como sublinhou, na viagem de regresso, Justin Welby:

*O facto de que estes três líderes religiosos tenham ido juntos pela primeira vez, certamente desde a Reforma, antes da qual duas de nossas Igrejas não existiam, creio que é um sinal de esperança para a paz e a reconciliação no mundo inteiro. Se aqueles que passaram 150 anos matando-se uns aos outros e os sucessivos 300 anos condenando-se mutuamente podem agora encontrar-se em busca de paz e reconciliação juntos, então qualquer um pode fazer isso.*

Esta é uma viagem para recordar e reler as diferentes intervenções na defesa do continente espoliado e saqueado das suas riquezas pelo apetite desenfreado dos poderes económicos.

Perante oficiais do Governo e membros do corpo diplomático nos jardins do palácio nacional de Kinshasa, o Papa afirmou:

*Há uma noção – que sai do inconsciente de tantas culturas e pessoas – que África deve ser explorada. Isso é terrível. A exploração política deu lugar a um ‘colonialismo económico’ e igualmente escravizador...*

*O veneno da ganância manchou os diamantes [deste país] com sangue. Parem de sufocar África: não é uma mina a ser explorada, nem uma terra a ser saqueada...*

*Tirem as mãos da República Democrática do Congo, tirem as mãos da África! Chega de sufocar a África. **M***

**Esta visita é um mergulho no mundo da pobreza e da violência. É entrar nas zonas onde a paz é apenas sonho e onde a dura realidade da exploração é servida diariamente.**

Foto: Encontro do Papa com as vítimas do conflito no leste da RD do Congo, 1 FEV 2023. EPA/Vatican Media.



Juan Ambrosio



Não acredito que na Igreja haja uma estrutura sistêmica de abusos, mas reconheço a existência de uma cultura sistêmica de encobrimento dos abusos.

Apresentação do Relatório da Comissão Independente, Foto Agência Ecclesia, 13 FEV 2023.



# E agora?

**T**inha pensado dedicar o texto deste mês a uma reflexão sobre a Quaresma, dando eco à mensagem que o papa Francisco dirige a todos os cristãos nesta ocasião.

Depois de ouvir com atenção a apresentação do *Relatório da Comissão Independente para o Estudo dos Abusos Sexuais contra as Crianças na Igreja Católica Portuguesa* e, sobretudo, depois ter lido uma parte substantiva do mesmo, sinto-me dividido. Por um lado, quero expressar a perplexidade, a tristeza, a mágoa e a vergonha pelo que ouvi e li, por outro, sei da necessidade de amadurecer a reflexão para que a resposta não seja essencialmente marcada pela emoção, se bem que não possa também deixar de o ser, pois o assunto em causa interpela-nos profundamente.

As palavras que acabo de usar não são nada meigas, mas expressam bem o que sinto no coração. A comunidade eclesial é para mim pátria e lar. Nela cresci e fui edificando a minha identidade, nela aprendi a olhar o mundo, nela descobri a importância do Evangelho para ouvir conceber a existência a partir de um horizonte mais vasto.

O que está a acontecer não põe em causa nada disto, mas não deixa de me entristecer profundamente. E não consigo resolver a questão pensando que esta terrível situação é o resultado do pecado dos seus membros e não tanto da instituição. Não tenho dúvida que o seja, mas também não posso deixar de reconhecer que no seu seio existem estruturas pecaminosas.

Continuo consciente da dureza destas palavras, mas, apesar disso, não posso deixar de as usar. Não acredito que na Igreja haja uma estrutura (ou cultura como outros lhe chamam) sistêmica de abusos, mas reconheço a existência de uma cultura sistêmica de encobrimento dos abusos.

Com a pretensa ideia de proteger a instituição invisibilizaram-se as vítimas cometendo sobre elas um redobrado abuso. E digo pretensa ideia, pois o encobrimento o que fez, foi permitir a sua própria consolidação como estrutura sistêmica, acabando, pois, por não proteger em nada a instituição. Temos dito sempre com muita veemência e clareza que o mais importante são as pessoas, que elas, cada uma delas, são o destinatário privilegiado do amor e da ternura de Deus. Como é possível que isso não tenha também sido claro nesta situação?

Precisamos de tentar compreender o melhor possível todas as dinâmicas e situações que contribuíram para esta realidade. Não para a justificar, nem para a tornar mais aceitável, e é preciso ter consciência de que isso pode ser mesmo uma tentação, mas para a denunciar sem qualquer tipo de dúvida e a combater com toda a transparência e vontade.

E agora? Foi a pergunta que ecoou e continua a ecoar com força nos nossos ouvidos e corações.

Agora é o tempo de olhar para as vítimas colocando-as no centro, que é o lugar que sempre deveriam ter ocupado.



Agora é tempo de reconhecer, com verdade, humildade e tristeza, o mal feito e provocado.

Agora é o tempo de assumir as consequências, promovendo e facilitando o trabalho da justiça.

Agora é o tempo de pedir perdão, sabendo que para isso não bastam as palavras, por mais necessárias, indispensáveis e sinceras que possam ser.

Agora é o tempo de fazer diferente, tendo como critério a missão que decorre do Evangelho e não uma pretensa defesa da instituição.

Por tudo isto, agora é também o tempo oportuno para a penitência, não só individualmente,

mas como comunidade. Sim, e não tenhamos medo de o reconhecer, pois esta realidade acaba por impactar todos os batizados enquanto membros da comunidade eclesial.

Na mensagem do Papa Francisco para esta Quaresma podemos ler:

*O caminho ascético quaresmal e, de modo semelhante, o sinodal, têm como meta uma transfiguração, pessoal e eclesial. Uma transformação que, em ambos os casos, encontra o seu modelo na de Jesus e realiza-se pela graça do seu mistério pascal. Para que, neste ano, se possa realizar em nós tal transfiguração, quero propor duas “veredas” que é necessário percorrer para subir juntamente com Jesus e chegar com Ele à meta.*

Essas duas veredas, concretiza o Papa, passam pela escuta de Jesus e pelo não se refugiar numa religiosidade feita de acontecimentos extraordinários, de sugestivas experiências, levados pelo medo de encarar a realidade com as suas fadigas diárias, as suas durezas e contradições.

O mal provocado exige uma longa e séria penitência, não para nos paralisar, mas para nos fortalecer na procura da necessária transfiguração pessoal e comunitária. Agora é o tempo oportuno para, sinodalmente, percorrermos este caminho e juntos fazermos o exercício da escuta do Ressuscitado, ousando com ele a edificação de uma instituição eclesial diferente. **M**

Agora é o tempo de olhar para as vítimas colocando-as no centro, que é o lugar que sempre deveriam ter ocupado.

CORAGEM,  
LEVANTA-TE!  
VENCE  
O MEDO

Frei Maximiliano  
Patassini

Ilustração:  
Elisabetta Benfatto

Messaggero  
di sant'Antonio



**Começa uma nova rubrica pensada para os animadores dos grupos de jovens das nossas paróquias em vista à JMJ 2023.**

**O foco são os jovens e os seus mundos, onde habitam os medos e a coragem.**

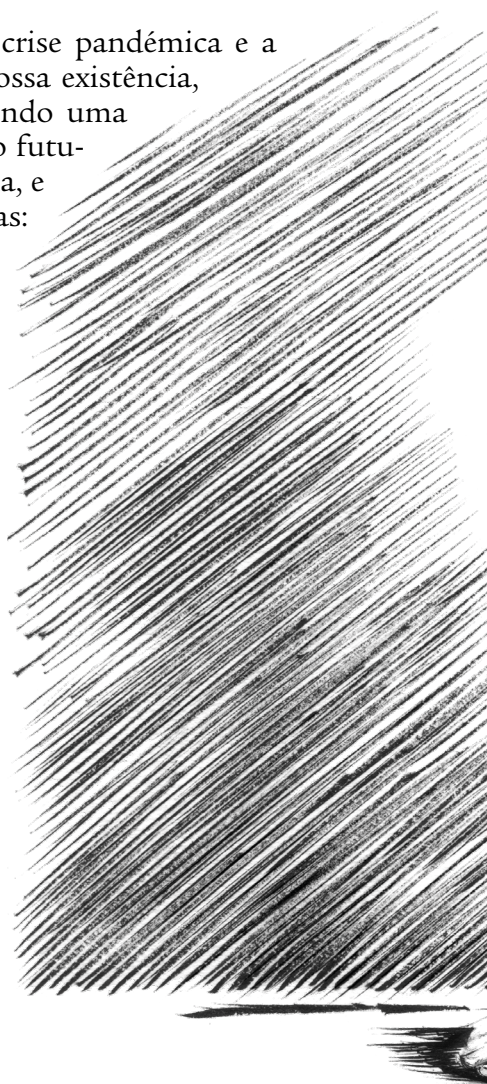
# A caminho da JMJ 2023

Depois dos adiamentos causados pela pandemia, a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) vai realizar-se em Lisboa, de 1 a 6 de agosto. O encontro internacional de jovens, iniciado pelo Papa João Paulo II, em 1985, é uma oportunidade para viver uma experiência de fé e espiritualidade, um espaço de oração e partilha que muitos recordam como uma etapa significativa na sua caminhada de vida.

As convulsões do nosso tempo, em particular a crise pandémica e a guerra na Ucrânia, têm um grande impacto na nossa existência, especialmente nas camadas mais jovens, favorecendo uma situação de instabilidade e incerteza em relação ao futuro. A temática da JMJ 2023 enquadra-se neste clima, e tem como lema a passagem do Evangelho de Lucas: “Maria levantou-se e partiu apressadamente” (Lc 1, 39).

A frase situa-se entre a cena da Anunciação e a visita de Maria à prima Isabel. Maria, antes de dar o seu consentimento, deixa-se atravessar por uma palavra que inicialmente a perturbou: o medo também estava presente na sua vida, como na nossa. No entanto, a jovem de Nazaré questiona esse medo, tenta conhecê-lo e compreendê-lo: pede esclarecimentos ao anjo, não se deixa vencer pela perturbação. É um ensinamento importante para nós: há muitos medos que aparecem no nosso dia-a-dia e tentam impedir-nos de agir, de crescer, de nos abirmos à novidade. A sua origem é muitas vezes inconsciente e escondida, mas são certamente alimentados por situações de precariedade e desconfiança, como aquelas geradas pelo isolamento pandémico e pela ameaça de um conflito mundial.

Nesta nova rubrica, iremos debruçar-nos sobre alguns medos que atingem as nossas vidas, em particular a vida dos jovens: medo de amar, medo da liberdade, medo da infertilidade, medo de perder, medo de viver, medo de Deus...



Maria levanta-se e parte. Estas palavras falam da passagem de uma situação estática para uma abertura ao movimento.

Em primeiro lugar, em sentido vertical: levantar-se é um verbo decisivo no Evangelho, muitas vezes utilizado por Jesus para sancionar o começo de uma nova etapa da vida. Pensemos no paralisado (cf. Mc 2,11), na menina morta (cf. Mc 5,41), no filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,14). Em todos estes casos, Jesus convida os que lhe são apresentados a levantarem-se e a saírem da situação de doença ou de morte em que se encontravam.

O segundo verbo é ir, que manifesta a ideia de partir e deixar a atual situação para assumir o risco da novidade, talvez inesperada ou imprevista; este é, também, o convite, quase imperativo,

que o Senhor dirige depois de alcançar e tocar a vida de alguém.



Maria, uma vez compreendido o sentido da perturbação, abre espaço na sua vida para a novidade: que se cumpra nela a Palavra do Senhor (Lc 1,37). Uma nova coragem nasce no seu coração, graças à qual se levanta e parte. Esta dinâmica pode ajudar-nos como sugestão para a reflexão: como podemos levantar-nos e partir, hoje?

“Coragem, levanta-te! Vence o medo”, eis a nova rubrica. A cada medo que iremos enfrentar, associaremos um gesto de coragem que manifesta a possibilidade de uma nova partida: coragem para amar, para se aceitar, para enfrentar a dor; coragem na esperança, na confiança, na fé...

O desenvolvimento destes temas fica a cargo de dois autores: o professor Simone Olianti, psicólogo e professor na Pontifícia Universidade Salesiana e a ilustradora, Isabel Benfatto, professora na *International School of Comics*, em Pádua. De facto, as imagens também são textos que transmitem significados, embora muitas vezes as percorramos rapidamente, sem dar tempo suficiente para compreender a mensagem além da superfície.

A caminhada de Maria culmina no encontro com Isabel e a ilustração culmina com o cântico de louvor do Magnificat: é preciso coragem para sair da zona do conforto e superar os medos que nos prendem para, depois, cantar o cântico de louvor.

É a história de tantas pessoas que fizeram das suas vidas uma obra-prima: por isso, acompanharemos cada episódio da nossa viagem com alguns traços da experiência de vida dos patronos da JMJ.

Oxalá esta proposta possa fornecer alguns pontos de apoio para a reflexão pessoal e comunitária. **M**

CORAGEM,  
LEVANTA-TE!  
VENCE  
O MEDO

# Tenho medo de te amar

Simone Olianti

Ilustração:  
Elisabetta Benfatto

Messaggero  
di sant'Antonio

**E**stamos cheios de medos até ao pescoço, desde a infância. Os medos começam com o primeiro grito e terminam com o último suspiro. Em cada estação da vida tem os seus medos. Todos temos de lidar com a primeira pergunta que Deus faz ao homem no jardim: “Onde estás?”. Uma pergunta que despoja e põe a nu todas as nossas vãs tentativas de nos escondermos perante a vida e o olhar atento e amoroso de quem nos deu a vida. “Estava nu, tive medo, e escondi-me”, responde o primeiro homem.

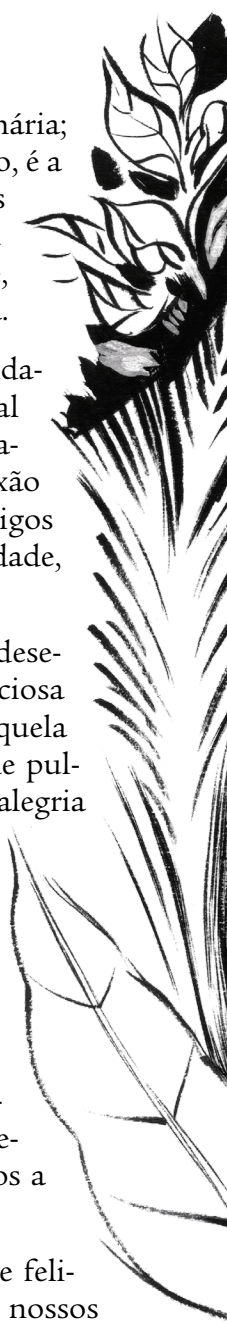
Cada um de nós é, portanto, chamado a lidar com os seus próprios medos, sem fugir da vida: porque o que mais tememos é o vazio e o absurdo, a insignificância de uma vida que não deixa rasto e se perde no nada. O homem moderno, alguns diriam pós-moderno, tecnológico e hiper conectado, protegido com seguros de todo o tipo na tentativa, afadigada e inútil, de evitar todo o sofrimento, derrotou muitos inimigos exceto o mais subtil e invasivo: o próprio medo, que desde Adão configura a fragilidade da nossa humanidade.

O medo é uma emoção primária; do ponto de vista filogenético, é a mais arcaica e importante das emoções, porque nos alerta para um perigo iminente e, muitas vezes, nos salva a vida.

O medo é uma emoção fundamental perante um perigo real e iminente. Mas quando se baseia em emoções e, sem conexão com a realidade, antecipa perigos imaginários torna-se ansiedade, fobia e angústia.

O medo pode chegar a ser desejado, numa tentativa falaciosa de sentir o pulsar da vida. Aquela vida que, na verdade, só pode pulsar graças ao amor. Não há alegria de viver sem amor; é indispensável, desde o início da vida, sentir-se amado e depois sair de si mesmo e aprender a amar. Os afetos e os sentimentos são a cor e o calor das nossas vidas, mas ao mesmo tempo atemorizam-nos e deixam-nos inseguros, porque desconhecemos a sua linguagem.

Para sermos verdadeiramente felizes, precisamos de educar os nossos corações para a compaixão e o altruísmo, pois a porta da felicidade só se abre para fora e aqueles que tentam forçá-la para dentro fecham-na ainda mais.



Não é o amor, na verdade, que nos assusta.  
É a nossa vulnerabilidade, o medo de que, ao nos entregarmos a alguém,  
deixemos de ser respeitados e acabemos por sofrer.  
É o risco inerente ao amor, que, no entanto, não tem alternativa:  
só o amor é capaz de nos libertar de todos os nossos medos.



Quão grande é o esforço que fazemos para aprender que o amor não é uma flor que brota espontânea, bonita e fugaz no seu esplendor primaveril e logo se desvanece com a primeira chuva! O amor é uma capacidade que se aprende e que requer cuidado, atenção e proteção.

Há um verso muito bonito de um poeta inglês que eu gosto muito, que resume, como só os poetas conseguem fazer, o que eu gostaria de partilhar com os meus leitores: “Frágil é o amor quando o medo é mais forte” (John Donne). O medo de amar paralisa-nos e bloqueia o desejo, que dá cor à vida, e quando o desejo fica bloqueado e anestesiado sofremos e muito.

Na verdade, não me parece que tenhamos medo de amar; do que realmente temos medo é da nossa vulnerabilidade, porque a pessoa que hoje diz que te ama, amanhã poderá magoar-te.

A própria linguagem que utilizamos “Amo-te loucamente; morro de amor por ti!” não faz justiça ao amor. O amor não deixa as pessoas loucas, não mata: o amor faz-nos viver e torna a vida digna de ser vivida. De facto, a nossa vulnerabilidade é a nossa maior riqueza e é por isso que não a entregamos ao primeiro que passa.



Se pensarmos bem, quando é que realmente amamos o outro? Quando nos damos a nós mesmos, quando superamos o medo de que o outro nos possa magoar. Nesta época de tristes paixões procuramos o amor como vedores procurando água. Recordo a este propósito as palavras contundentes do profeta Jeremias: “O meu povo cometeu duas maldades: abandonaram-me a mim, fonte de águas vivas, construindo para si mesmos cisternas, cisternas rotas, que não conseguem reter a água” (Jer 2, 13). Abandonar a fonte para beber de uma poça de água pútrida que não sacia a sede nem alimenta. Assim são, quantas vezes, os amores deste tempo incerto e sinistro: hoje, é mais fácil e frequente viver relações fugazes e apaixonadas, possessivas e não libertadoras, e muito mais raro e difícil viver um amor delicado e atencioso.

### São João Paulo II, papa

Na homilia do início do seu pontificado (22 de outubro de 1978, data que se tornou a da sua memória litúrgica), expressou um convite que iria repetir muitas vezes ao longo do seu ministério:

*Não tenhais medo! Abri, mais, escancarai as portas a Cristo! [...] Cristo sabe o que há dentro do homem”. Só ele o sabe! Hoje em dia, muitas vezes, o homem não sabe o que traz dentro de si, nas profundezas da sua alma, do seu coração. [...] É permeado pela dúvida que se transforma em desespero. Deixai, portanto - vos peço e vos imploro com humildade e confiança - permiti que Cristo fale ao homem. Pois só ele tem palavras de vida.*

Testemunha do amor de Deus, teve a coragem de perdoar àquele que tinha atentado contra sua vida, em 1981: “Falei com ele como se fala a um irmão, a perdoei-lhe e ele goza da minha confiança”.

Nas suas viagens apostólicas tocou todos os continentes; são numerosos os seus discursos e os seus escritos, em que se destaca a atenção à família, ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, à paz, à proteção e à defesa da vida.

João Paulo II tinha um particular carinho pelos jovens, desde a instituição da JMJ até às palavras pronunciadas pouco antes da sua morte (2 de abril de 2005), sabendo da presença de muitos jovens que vigiavam por ele, na Praça de São Pedro: “Procurei-vos, agora viestes ter comigo; por isso vos agradeço”. (Maximiliano Patassini)

**Perante o outro, precisamos descalçar os sapatos, como fez Moisés diante da sarça ardente, porque o outro é terra sagrada.**

Amar requer coragem porque o amor é mais do que um sentimento, é uma capacidade que se aprende ao longo de toda a vida. E, na escola do amor, somos todos aprendizes, não há mestres. Amar é uma arte refinada, que requer um trabalho paciente de artesão: dedicação, humildade, cuidado e coragem.

Erich Fromm recorda-nos num dos seus mais belos livros, *A Arte de amar*: “Amar é essencialmente um ato de vontade. Amar alguém não é apenas um sentimento forte; é uma escolha, uma promessa, um compromisso”.

Se o amor é reduzido a um sentimento, esquecendo o “para sempre”, passa a ser mera mercadoria com prazo de validade. Hoje, é necessário coragem para seguir o caminho do coração que, sem medos, contra modas e condicionamentos, procura o amor que “tem o desejo forte de durar” (Paul Eluard).

O nosso tempo exalta o mito da autossuficiência e da independência: eu basto-me a mim próprio. Mas o amor e o desejo de amar começam precisamente pelo reconhecimento da nossa insuficiência, de que não nos bastamos a nós próprios, mas precisamos do outro para que a vida possa manifestar toda a sua beleza.

“Ai daquele que está só”, diz Qoelet, porque “se cair, não tem ninguém que o levante” (cf. Ecl 4,9-11). O amor tem o poder de elevar a vida da sua insignificância, desde que se opte por permanecer em constante estado de aprendizagem. Amar é aprender a língua do outro, porque o outro fala sempre uma língua estrangeira. Há que fazer um esforço, que dura uma vida inteira, para aprender o alfabeto do outro. Isto vai além do que se sente e experimenta.

Sim, caros amigos, só existimos quando somos amados. Só o amor nos tira do anonimato e quando o outro nos chama pelo nome pela primeira vez, então reconhecemos a voz que nos tira do nada e nos projecta na vida. Só o amor, forte como a morte, é capaz de nos libertar de todos os medos e fazer jorrar a alegria que brota da nascente de água viva que sacia a nossa sede e jamais se esgota. **M**

# Responso de Santo António

MEMÓRIA  
E  
TRADIÇÃO

Pedro Teotónio  
Pereira



O responso a Santo António é talvez o hino mais famoso dedicado a Santo António, evocando o mais conhecido dos seus padroados, recuperar os objetos perdidos, bem mais antigo que a fama de casamenteiro que se generalizou a partir do século XIX.

A autoria do responsório *Si quaeris miracula* (Se milagres desejas) é do poeta músico Fr. Juliano de Espira, que o integrou no ofício litúrgico de Santo António que compôs em 1235, embora por vezes surja relacionado a S. Boaventura, que é autor de vários hinos em louvor a Santo António.

A relação com a recuperação dos objetos perdidos tem várias explicações. Pode estar relacionado com alguns dos milagres atribuídos a Santo António, especialmente o da recuperação do Saltério que tinha sido roubado por um noviço, e que após as orações do Santo o veio devolver, ou do mila-

gre do copo de vidro partido e do vinho deramado que Santo António restituiu. Mas pode também ter tido origem numa ambiguidade da língua francesa com o nome de Santo António de Pádua (antigamente em França chamavam-lhe *Antoine de Pade* ou *Pave*, abreviatura de Pádua, o que permitiu o trocadilho com a palavra *épave*, que se refere aos bens perdidos de quem não se conhece o proprietário).

Em Portugal são inúmeras as variantes deste responso, utilizado para recuperar coisas desaparecidas, mas também animais ou mesmo amores perdidos. Nos seus estudos, Leite de Vasconcelos salientava que mesmo que uma pessoa o soubesse, era prática pedir a algum vizinho que o rezasse. Se durante a reza houvesse algum engano, era indício de mau agouro; e, se ao acabar de se rezar, os cães ladrassem, era bom sinal.

Divulgado em pagelas e folhetos religiosos, ainda hoje a igreja de Santo António de Lisboa mantém o costume de rezar o responso no final da missa de 3ª feira, dia de especial devoção antoniana. **M**



Litografia com o Retrato do glorioso Santo António de Pádua, da Igreja de Aracoeli em Roma, editado em Lisboa, 1914, com o responso a Santo António em português e latim. À esquerda: pormenor com o texto do responso. Museu de Lisboa – Santo António MA.GRA.158

## Responsorio a Santo Antonio

1.º  
Se milagres desejaes,  
Recorrei a S. Antonio:  
Veréis fugir o demonio  
E as tentações infernaes.

2.º  
Todos os males humanos  
Se moderam, se retiram,  
Digam-n'o aquellos que o viram  
E digam-n'o os Paduanos.

Gloria ao Pae, ao Filho e ao Espirito Santo.  
Todos os males humanos...

V Rogae por nós, bemaventurado Antonio.

R Para que sejamos dignos das promessas de Christo.

### ORAÇÃO

Ó Deus, nos vos supplicamos, que alegre a vossa Igreja a solemnídade votiva do bemaventurado Antonio, vosso Confessor, para que fortalecida sempre com os espirituas auxilios, mereça gozar os prateres eternos. Por Jesus Christo Senhor Nosso, amem.  
(100 dias d'indulgencias, e plenaria uma vez cada mez, concedidas por Pio IX)

3.º  
Pela Sua intercessão  
Foge a peste, o erro, a morte,  
O fraco torna-se forte  
E torna-se o enfermo, são.  
Todos os males humanos...

4.º  
Recupera-se o perdido  
Rompe-se a dura prisão,  
E no auge do furacão  
Cede o mar embravecido.  
Todos os males humanos...

## Responsorium Seraphici D. S. Bonaventurae in honorem S. Antonij de Padua

Si queris miracula; Mors, error, calamitas.  
Demon sepra fugiunt; Agri surgunt sani.  
Cedunt mare, uincula; Membra resq perditas  
Petunt, et accipiunt Iuvenes, et cani.  
Percutunt pericula, cessat et necessitas.  
Narrent ij qui sentiunt: Dicant Paduani.  
Cedunt mare, uincula; Membra resq perditas.  
Petunt, et accipiunt Iuvenes, et cani.  
Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto  
Cedunt mare, uincula Membra resq perditas  
Petunt, et accipiunt Iuvenes, et cani.  
V Ora pro nobis Beate Antoni.  
R vt digni efficiamur promissionibus Christi.

### Oremus

Mitissime et clementissime JESU qui B. Antonium confessor: tuum perpetuis illustras miraculor, splendoribus: concede propitius: ut que per eius merita fideliter petimus, per eius intercessionem efficaciter consequamur Qui uiuis, etc.

# A insustentável leveza do amor

Poucas palavras são tão usadas e abusadas como a palavra “amor”. Dele, pode dizer-se tudo e o seu contrário. E assim, quando falamos de “amor”, acabamos, tantas vezes, por encará-lo de uma forma genérica e abstrata.

Santo António associa o amor a duas qualidades que nos ajudam a apreciá-lo com maior precisão e força. Afirmo que o amor é capaz de gerar doçura e leveza, dois “ingredientes” que facilmente captam a nossa simpatia.

Todos sentimos fascínio pela doçura e isso acontece, provavelmente, por causa das “vibrações” mais duras que experienciamos ou que nascem dentro nós. Quantas vezes chegamos ao fim do dia com o coração amargurado sem saber porquê. E isto mesmo quando conseguimos fazer tudo o que tínhamos programado, tudo correu como devia correr e as coisas “importantes” foram bem-sucedidas.

Como explicar, então, a amargura que nos invade? Talvez, tenhamos observado pouco, escutado pouco, parado pouco. Talvez, tenhamos feito muitas coisas, mas sem o cuidado de as saborear. Sim, porque a doçura é só para aqueles que sabem apreciar.

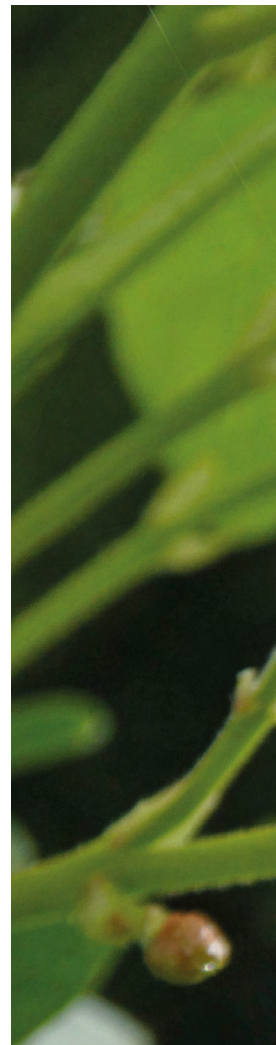
Portanto, o sonho que todos gostaríamos de ver realizado, isto é, chegar ao fim do dia com o coração cheio de alegria, pode realizar-se se baixarmos o ritmo; mas como?

Semeando olhares repousantes capazes de criar espaços de alma onde possamos morar com o outro; escutando aqueles que querem partilhar, contar, confiar; aprendendo a saborear os mil aromas da vida que nos atingem com a sua leveza: as mãos estendidas de uma criança, uma carta inesperada...

Só é possível provar a doçura prestando atenção aos “pequenos” detalhes. Só o amor é capaz de aliviar e como precisamos todos de ser aliviados.



Foto  
Giovanni Voltan,  
2022




**O amor torna doces as coisas amargas  
e leves as insuportáveis;  
pelo contrário, o medo e a indiferença  
até as coisas leves tornam insuportáveis.**

*Sermões, de Santo António, 7º Domingo depois do Pentecostes*

Esta é a “magia” encantadora do Evangelho de Jesus: tudo o que tem a ver com Ele, com o Senhor, com as suas palavras e com os seus gestos, alivia e descansa.

Santo António sabia-o bem: se em nome do Evangelho nos sentimos pesados e aprisionados, então o que procuramos e vivemos não é seguramente o Evangelho, mas sim, os nossos estranhos calculismos.

O amor alivia e não obriga ninguém a fazer tudo sempre certinho. O amor dá a todos a oportunidade de recomeçar, sempre. Pelo contrário, o medo e a indiferença dão lugar à amargura e ao *stress*, tornando “insuportável” até aquilo que, por si só, não o seria de todo.

Deus é leve e doce: a sua graça “cura e faz-nos sentir a brisa suave da ternura de Deus Pai” (*Sermões, 2º Domingo da Quaresma*). 



# RECONSTRUIR A TUA IGREJA

Ensina-nos, Senhor, o renascimento paciente  
depois das duras desilusões que nos atingem.  
Não nos deixes reféns do mal  
que ganha forma na nossa história  
e nos captura com mil amarras diversas,  
tantas dessas inegavelmente trágicas.

Ajuda-nos, nesta hora,  
a coragem de colocar no lugar do mal  
aquele bem que brota apenas  
da verdade e do perdão.

Ensina-nos, Senhor,  
a olhar com humildade  
o retrato que nos desgosta  
e a reconhecer como um caminho  
que deve ser percorrido  
o áspero cúmulo de ruínas.

Ensina-nos a colocar acima de tudo  
a integridade da vida de cada pessoa  
e a proteger de forma inequívoca  
os mais pequenos e frágeis.  
Que consideremos essa proteção  
como um dos pilares  
que sustentam a espiritualidade  
e a façamos equivaler à mais perfeita expressão  
de tudo o que nos liga a Ti.

Ensina-nos a assumir com responsabilidade  
a lição das feridas profundas  
que tantos transportam  
e a não desviar a nossa atenção  
daqueles que esperam da comunidade  
reconhecimento e justiça.

Não nos deixes ficar de braços caídos.  
Ensina-nos, Senhor,  
como o fizeste com o jovem Francisco de Assis,  
a reconstruir a Tua Igreja.

*Cardeal José Tolentino de Mendonça*  
14.02.2023

